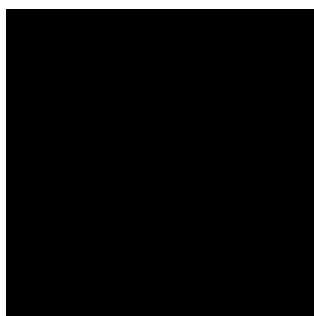




ESTÁCIO VALOI

Maputo, 19..... Jornalista de investigação foi fundador do Jornal Moz24h e do Centro Moçambicano de Jornalismo Investigativo. É repórter freelancer focado em crimes ambientais e saques em seu país, caça ilegal de rinocerontes e elefantes, roubo de recursos, como pedras preciosas e madeira, por uma miríade de sindicatos criminosos, frequentemente ligados aos mais altos escalões do governo. Seu desafio mais recente levou-o a ter de se esquivar de escavadeiras e metralhadoras de empresas de segurança em Montepuez, uma área devastada por práticas de mineração destrutivas e remoções forçadas de moradores, perpetradas por uma elite local em conluio com uma empresa multinacional de pedras preciosas. Tem colaborado com a mídia internacional. É formador (Moçambique, WWF África do Sul, Angola), coordenador do Centro de Jornalismo Investigativo (CIJ) do Reino Unido e da Oxpeckers-Moçambique.

LEVADAS PELO TERRORISMO. TEMPOS DE CÓLERA EM CABO DELGADO

Crianças - adolescentes de Mocímboa da Praia pouco antes dos ataques provavelmente foram raptadas, mortas, sexualmente violadas

Era março de 2013. Acordei em Pemba, onde a prospeção de gás estava a todo vapor. Brilhando como árvores de Natal, luzes de todas as cores chegavam ao porto de Pemba, em Cabo Delgado, navios de todos os tamanhos. Motores rugiam de alegria pelas ruas, funcionários circulavam com os bolsos cheios, novos prédios para acomodar a equipe do gás surgiam por toda parte como cogumelos. Empreendedores investiram seus milhões na construção de hotéis, casas e apartamentos. A corrida do ouro há muito prometida pelos trilhões e trilhões de metros cúbicos de gás *offshore* de Moçambique estava aqui. Crianças, adolescentes que cresceram no meio da Guerra transformadas em esposas, violadas pelos terroristas assim com FDS, decapitadas, transformadas em escravas!

"Insurgência misteriosa" na província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique, na qual aldeias e edifícios governamentais foram atacados. A meio de uma guerra fratricida, a província de Cabo Delgado, continua a ser um destino de várias gentes que procuram os minerais que habitam no solo desta parte do país. Uma provincial rica, mas profundamente pobre, com mais de 15 minerais e as concessões, que não beneficiam os locais, mas sim, a ministros, generais, diretores e outros ligados, interligados a nomenclatura política moçambicana que, sem capital, abocanharam as terras expectantes à procura de um investidor. Está disponível uma vasta gama de minerais tais como ouro, granadas, turmalinas, berilo, amazonite, espinela, grafite, vanádio, calcário, magnetite, titânio, mica, mármore, areias pesadas, rubi, safira, quartzo, água-marinha.

Com a descoberta do Gás, o regime tentou ocultar uma indústria de rubis, ouro que produz milhões de dólares diretos para os bolsos das multinacionais assim como para a nomenclatura política moçambicana, desde o início da sua descoberta.



Uma imagem na mente



Em 2018 o primeiro ataque de grande escala era protagonizado pelos “*alshabaabs*” locais como conhecidos o que iria mudar completamente a forma de estar e de viver principalmente as gentes de cabo Delgado com destaque para os distrito do norte, os mais afetados, que resultou em mais de 25 milhões de deslocados internos obrigados a recorrer ao refugio em outros distritos, províncias e em centros de acolhimento à espera de um quilo de feijoa do PMA ou outras organizações humanitárias, em certos casos a comida era trocada pelo sexo. Dinheiro e sexo.

E quando os pacotes de comida chegam, Joaquina e dezenas de outros deslocados internos entrevistados relataram que os trabalhadores humanitários vendem-lhes parte da comida ou exigem sexo em troca de comida. As investigações revelaram que, além dos agentes de campo encarregados de distribuir alimentos, os sindicatos também incluíam líderes e chefes comunitários locais — alguns dos quais foram identificados —, bem como dirigentes do partido FRELIMO e secretários de aldeia.



